

Colégio Politécnico da UFSM, Santa Maria - RS
Revista de Gestão e Organizações Cooperativas – RGC
RGC – Santa Maria, RS, v5, n.9, Jan./Jun. 2018
ISSN: 2359-0432
DOI: 105902/2359043226142



Uma análise do desempenho econômico e financeiro das cooperativas agropecuárias

An analysis of the economic and financial performance of agricultural cooperatives

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo verificar se variáveis como setor, sistema agroindustrial e região estão relacionadas com o desempenho econômico e financeiro das cooperativas agropecuárias. Para tanto, empregou-se testes de diferença de médias nos dados de 31 cooperativas agropecuárias dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul nos anos de 2008 a 2012. Como resultado, observou-se que as cooperativas apresentam desempenho econômico e financeiro distintos, e que as variáveis selecionadas podem afetar seus resultados. Quando a amostra foi estratificada por região os índices de rentabilidade, valor adicionado e liquidez geral demonstraram diferença significativa. Já quando o setor é analisado as diferenças estatísticas encontram-se nos índices de valor adicionado, o que está de acordo com a literatura. O sistema agroindustrial foi o fator que levou a maiores diferenças dos índices analisados. Ademais, verificou-se que as cooperativas são homogêneas no que se refere a estrutura de capital.

Palavras-chave: Cooperativas agropecuárias, desempenho, fatores.

Abstract

This research aims to verify if variables such as sector, agroindustrial system and region are related to the economic and financial performance of agricultural cooperatives. For that, we used mean difference tests in the data of 31 agricultural cooperatives in the states of São Paulo, Paraná, Santa Catarina and Rio Grande do Sul in the years 2008 to 2012. As a result, it was observed that cooperatives perform Economic and financial variables, and that the selected variables may affect their results. When the sample was stratified by region, the indices of profitability, value added and general liquidity showed a significant difference. When the sector is analyzed the statistical differences are found in the indexes of value added, which is in agreement with the literature. The agroindustrial system was the factor that led to greater differences in the indices analyzed. In addition, it was verified that the cooperatives are homogeneous with respect to the capital structure.

Keywords: Agricultural cooperatives, performance, factors.

Recebido: 14/03/2017 Aceito: 27/09/2017

Paola Richter Londero¹, Anelise Krauspenhar Pinto Figari²

¹Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Controladoria e Contabilidade pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (USP) - Vila São Luis, São Paulo - São Paulo. CEP: 05362-060 - paolarlondero@gmail.com

²Doutoranda em Controladoria e Contabilidade pela FEA-RP, Universidade de São Paulo - Jardim Botânico – Curitiba (PR). CEP: 8021-170 - figari@ufpr.br

1 Introdução

As cooperativas são conhecidas como organizações que possuem duas características, de um lado são impulsionadas por incentivos econômicos e, do outro, são associações com finalidades sociais (SCHNEIDER, 2012). Para Novkovic (2014) tais características não podem ser observadas separadamente e, sim, há a necessidade de abordar ambas sob a ótica dos princípios e valores que definem as atividades dessas organizações.

As cooperativas agropecuárias são organizações do setor do agronegócio no Brasil. O termo agronegócio, resultado da palavra utilizada em inglês *agribusiness*, surge com o objetivo de indicar as relações que ocorrem entre a produção agrícola, a atividade industrial e de distribuição. Ou seja, o termo passa a representar todo o sistema de base agrícola: insumos, agricultura, indústria, distribuição e consumo (ZYLBERSTAJN, 2013).

De acordo com Altman (2015) a cooperativa agropecuária é uma forma organizacional que contribui para que esses produtores rurais, em conjunto, possam melhorar seu desempenho frente ao mercado, permanecendo nele e/ou se tornando competitivos, produzindo de maneira eficiente em termos de níveis de produtividade e qualidade por unidade de produção. E, ainda, Hueth e Reynolds (2011) mencionam a contribuição na redistribuição do excedente econômico de setores de entrada de abastecimento e de intermediação para o setor da agricultura.

Nesse sentido, Bialoskorski Neto (2012) afirma que as cooperativas agregam valor ao produtor e proporcionam a sua inserção no mercado nacional e internacional. Adicionalmente, Hueth e Reynolds (2011) afirmam que o sucesso de uma cooperativa no curto prazo é transformador, pois gera oportunidades no mercado para um grupo de produtores que eram desfavorecidos, anteriormente.

No Brasil, a maioria das cooperativas agropecuárias realizam atividades ligadas a distribuição de insumos e são cooperativas de produção, consideradas como organizações tradicionais, em geral verticalizadas e diversificadas (CONSOLI; MARINO, 2013b). De acordo com Sexton (1986) a verticalização possui relação com a sua função econômica, de integrar verticalmente associados na cadeia de comercialização, tanto a

montante como a jusante. A característica diferente da integração que ocorre nas cooperativas é que a coordenação é realizada de forma horizontal pelos associados, a fim de realizar a verticalização da cooperativa.

Os autores Stiglitz, Sen, e Fitoussi (2008 citado por Brown & Novkovic, 2015) mencionam que "em uma sociedade cada vez mais orientada para o desempenho, métricas importa. O que medimos afeta o que fazemos. Se temos as métricas erradas, vamos lutar pelas coisas erradas" (p. 10). Dessa forma, os autores Brown e Novkovic (2015) colocam a preocupação em relação as práticas, da contabilidade e da divulgação de informações, que ligam as medidas de desempenho à identidade das cooperativas.

Identidade esta, de acordo com os mesmos autores, diferente das demais organizações, uma vez que as cooperativas são guiadas pelos princípios e valores cooperativos, de modo que as cooperativas se fundamentam tanto na melhoria da qualidade de vida de seus associados como da sociedade em que está inserida.

As cooperativas agropecuárias estão, geralmente, localizadas na região sudeste e sul do país, região que é conhecida como tradicional, como Consoli e Marino (2013a) exemplificam as regiões tradicionais, sendo aquelas regiões de cana e citros no interior de São Paulo, de café no sul de Minas Gerais, de grãos no Paraná e no interior do Rio Grande do Sul.

Apesar de estarem concentradas em uma mesma região no Brasil, em termos econômicos e financeiros tais cooperativas apresentam particularidades que podem influenciar o seu desempenho econômico-financeiro. Essas particularidades estão, principalmente, relacionadas ao setor de atuação, sistema agropecuário da cooperativa (SAG), e a região sede onde a cooperativa está localizada, devido as influências históricas e culturais que podem existir.

Segundo Carvalho (2008), esse desempenho econômico e financeiro poder ser avaliado por meio de informações expressas na forma de indicadores, os quais são quantificados e mensurados numericamente, a fim de atribuir eficiência e objetividade à medição do desempenho das atividades de determinada organização. A avaliação dos indicadores é uma prática contábil que permite a apuração da situação econômico-financeira da

entidade, além da comparação entre organizações. Os demonstrativos contábeis são um meio importante como fonte de dados, informação, utilizados com a finalidade de avaliação do desempenho nas organizações e os fatores que podem impactar os resultados organizacionais.

Dessa forma, questiona-se se o desempenho econômico e financeiro das cooperativas agropecuárias sofre impacto do setor de atuação, do sistema agroindustrial (SAG), ou da região onde a cooperativa está localizada?

Para tanto, o objetivo da pesquisa é determinar se variáveis como setor, SAG e região que influenciam o desempenho econômico e financeiro das cooperativas agropecuárias brasileiras. Para atender a esse objetivo o presente trabalho apresenta, além da introdução, uma discussão teórica, em seguida, o método de investigação empregado, os resultados da pesquisa realizada e por fim, as considerações finais do presente estudo.

2 Cooperativas agropecuárias

De acordo com Reynolds (2013), o modelo de negócio cooperativo é, frequentemente, comparado com o modelo dominante, ou seja, o modelo de propriedade do investidor. Adicionalmente, Feng (2010) justifica tal fato devido as cooperativas se assemelharem as demais organizações, entretanto, a mesma autora complementa que apesar das semelhanças as cooperativas possuem uma complexidade maior do que as demais organizações e, por isso, suas particularidades devem ser consideradas quando do estudo das organizações cooperativas.

Reynolds (2013) afirma que os proprietários das cooperativas são seus membros e que as cooperativas criam valor quando conseguem traduzir com êxito e agregar informações em relação as necessidades dos membros em resultados como produtos e/ou serviços. A mesma autora menciona que para que as cooperativas sejam bem-sucedidas, é necessário que essas encontrem o equilíbrio entre as necessidades de seus membros e a sustentabilidade econômica a longo prazo da cooperativa.

De acordo com a Aliança Cooperativa Internacional (ACI) (2017) entende-se como sociedade cooperativa uma associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente para satisfazer suas

necessidades econômicas, sociais e culturais comuns e aspirações por meio de uma empresa de propriedade comum e gerida democraticamente.

Santos, Gouveia e Vieira (2012) destacam dois pontos principais: o fato de ser uma sociedade de pessoas e não de capital, a qual possui como finalidade prestar serviços aos seus associados, de modo que ela é constituída pelas pessoas que a interagem e, não pela quantidade de capital social que os associados possuem da cooperativa; e o fato das cooperativas serem geridas democraticamente pelos seus associados, por meio de assembleias onde cada associado possui direito a um voto, independentemente do capital integralizado por ele mesmo na cooperativa.

De acordo com a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB, 2017), atualmente, existem 6.600 cooperativas no Brasil, dentre as quais 1.555 são do ramo agropecuário, que correspondem a 23,56% em relação ao total de cooperativas. As cooperativas agropecuárias possuem 1.016.606 produtores rurais associados e 188.777 funcionários.

As cooperativas agropecuárias existem como organizações econômicas intermediárias, de modo a prestar serviços aos seus associados, satisfazendo suas necessidades econômicas particulares (BIALOSKORSKI NETO, 2012). Para cumprir com seus objetivos, as cooperativas proporcionam aos seus associados, diversos serviços agregando valor à eles, por meio de assistência técnica, orientação, compra de insumos/produtos, além da comercialização e agregação de valor à produção. Sob a ótica do cooperado, poderá, ainda, a cooperativa proporcionar 'lucro' ao associado (BIALOSKORSKI NETO; PINTO, 2012). Dessa maneira, cada cooperativa formula suas estratégias a partir dos interesses de seus associados, fato esse que faz com que as cooperativas venham a ter características particulares, o que as diferenciam uma das outras.

As cooperativas agropecuárias realizam atividades ligadas às operações de insumos, grãos, processamento e industrialização, sendo que algumas já exportam. Essas cooperativas de produção estão concentradas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (CONSOLI; MARINO, 2013b). Tais regiões possuem, respectivamente, 281 e 428 cooperativas agropecuárias, para o ano de 2013, ou seja, cerca de 44% das cooperativas agropecuárias brasileiras encontram-se nessa região (OCB, 2014).

As cooperativas agropecuárias possuem grande quantidade de associados, os quais são considerados, geralmente, pequenos produtores. Há uma relação próxima entre a cooperativa e o associado, por meio da prestação de serviços, de assistência técnica, além da comercialização e agregação de valor à produção (BIALOSKORSKI NETO; PINTO, 2012).

Apesar dessas cooperativas possuírem características semelhantes, o fato das cooperativas agropecuárias buscarem suprir as necessidades de seus associados, faz com que tomem decisões estratégicas diferenciadas uma das outras. Fato esse que pode resultar em características particulares e, também, um desempenho econômico e financeiro diferente uma das outras.

3 Avaliação de desempenho econômico e financeiro

Análise das demonstrações contábeis por meio de índices é uma técnica de avaliação que visa aumentar o poder informativo das demonstrações contábeis. Carvalho (2008) esclarece que o emprego dessa metodologia de análise permite que sejam estabelecidas relações entre as contas contábeis por meio de determinados índices e parâmetros, com o objetivo de realizar uma análise de balanços e avaliação do aspecto econômico-financeiro das empresas. Ao passar dos anos vários estudos foram desenvolvidos em busca do aprimoramento de tais análises.

Tradicionalmente, os índices de avaliação econômicos e financeiros são divididos em três grupos de análise, liquidez e estrutura visando a verificação da situação financeira, e índices de rentabilidade que evidenciam a situação econômica da entidade. Os índices usualmente utilizados são liquidez corrente (LIQ.CORR), liquidez geral (LIQ.GERAL), grau de endividamento (G.ENDIVI.), capital de terceiros/capital próprio (K3.KP), margem líquida (MARG.LIQ), giro do ativo (GIR.AT.), retorno sobre o ativo (ROA) e retorno sobre o patrimônio líquido (ROE). (MATARAZZO, 2010; CARVALHO, 2008).

Esses índices são usualmente empregados na análise do desempenho de organizações econômicas com fins lucrativos, a utilização de tais índices parece estar de acordo com a sua natureza e auxiliar

no acompanhamento econômico e financeiro das organizações. Entretanto, Lazzarini, Bialoskorski Neto e Chaddad (1999) apontam que, no que se referem às cooperativas, as decisões econômico-financeiras são notadamente mais complexas, já que as mesmas possuem natureza diferenciada das demais entidades. Sendo necessário adicionar índices complementares a avaliação de desempenho de entidades sem fins lucrativos.

Nesse sentido, as cooperativas tendem a buscar novas ferramentas de monitoramento que sejam mais condizentes com a sua natureza. Diante desse novo desafio, os gestores começaram a utilizar a análise do valor adicionado como ferramenta gerencial, tendo em vista que o valor adicionado permite que indicadores sejam apurados e também é possível obter indicadores de análise provenientes da formação e distribuição do valor adicionado (LONDERO; BIALOSKORSKI, 2014). Assim, adicionalmente a análise econômico-financeira revelada por índices tradicionais, sugere-se a inclusão de alguns índices como riqueza criada pela entidade (VA) que evidencia a capacidade da entidade em gerar riqueza com base nos insumos adquiridos de terceiros, a riqueza criada na cooperativa por cooperado (VA/COOP.), a riqueza gerada na cooperativa por empregado (VA/EMP.), capacidade de agregação de valor por vendas (VA/VEND.LIQ), valor agregado pelo ativo relacionado ao tamanho da cooperativa (VA/AT.), capacidade de agregação de valor pelo capital próprio, patrimônio líquido da cooperativa (VA/PL.MÉD), participação dos empregados no valor adicionado (PESSOAL/VA), dentre outros.

Com relação aos índices de rentabilidade Hall e Geysler (2004), que são índices relacionados a aferição da riqueza do acionista e em cooperativas se baseiam nas sobras distribuídas como retorno ao associado. Entretanto, devido a existência de diferentes formas de retornos na cooperativa a análise da rentabilidade baseada unicamente na sobra distribuída pode gerar distorções na análise de tais índices. Carvalho (2008) destaca que as cooperativas agropecuárias têm como objetivo atender as necessidades e aspirações econômicas de seus associados, que normalmente são obtidas por meio de um maior valor pago por seus produtos, um menor valor de venda de insumos, pela prestação de serviços e não por eventuais resultados econômicos positivos, a exemplo do lucro em outras empresas.

Nesse sentido, Geysler e Liebenberg (2002) sugerem a inclusão do *Economic Value Added* (EVA[®]) na análise da situação econômica das organizações. Shah, Haldar e Rao (2014) afirmam que o EVA[®] é reconhecido como uma medida de desempenho superior quando comparada com as demais medidas tradicionais. Os mesmos autores concluíram que o EVA[®] pode ser uma ferramenta de diferenciação entre atividades que criam ou destroem valor nas organizações, auxiliando na tomada de decisão dos gestores com foco em aumentar a criação de valor ao acionista.

De acordo com Geysler e Liebenberg (2002), o EVA[®] é uma medida de desempenho econômico, utilizada como ferramenta para a tomada de decisão de investimentos, capaz de refletir a quantidade absoluta de valor criado para o acionista, no caso das cooperativas os cooperados. Houle (2008) aponta que o EVA[®] deve ser utilizado como ferramenta informacional por duas razões, a primeira é que toda a companhia deve maximizar a riqueza de seus investidores, e que o valor da companhia é baseado nas expectativas de ganhos futuros excedentes, ou inferiores, ao custo de capital de seus investidores.

4 Metodologia e caracterização da amostra

Como procedimentos metodológicos foram realizados teste de média, com a finalidade de verificar a existência de diferenças significativas entre a amostra selecionada. Para a seleção adequada do teste, os dados foram submetidos a um teste de normalidade conhecido como Shapiro-Wilk, onde ficou evidenciada a distribuição não normal dos dados. Isso indicou que deveriam ser empregados testes não paramétricos, que são empregados em amostras de livre distribuição. Assim, os testes foram orientados para variáveis de mensuração ordinal, onde para K amostras independentes foi empregado

o teste Kruskal-Wallis, e para 2 amostras independentes foi utilizado o teste conhecido como Mann-Whitney. Para auxiliar os procedimentos, o software utilizado para a análise dos teste foi *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS).

O estudo baseia-se em dados de cooperativas agropecuárias brasileiras extraídos do *ranking* das 400 Maiores e Melhores Empresas do Agronegócio da Revista Exame, durante o período de 2008 à 2012. A amostra é composta por 31 cooperativas, que totalizam 155 observações. Frente aos objetivos da pesquisa, foram somente selecionadas para compor a amostra as sociedades cooperativas que possuem sede no estados do Rio Grande do Sul, 22,58%, Santa Catarina, 12,90%, Paraná, 48,39%, e São Paulo, 16,13%.

A maioria das cooperativas agropecuárias objetos de análise, foram criadas na década de 60 e 70, sendo a Batavo a mais antiga, fundada em 1928, e a Integrada a mais nova, fundada em 1995. Dentre essas cooperativas 67,74% fazem parte do setor da produção agrícola e 32,36% pertencem ao setor de atacado. Com relação ao sistema agroindustrial 9,68% das cooperativas apresentam como produto principal adubos e defensivos, 58,06% algodão e grãos, 3,23% atacado e comércio exterior, 16,13% aves e suínos, 3,23% café, 6,45% óleos, farinha e conservas, e 3,23% sementes.

Com relação a estatística descritiva da amostra, exposta na Tabela 1, é possível perceber que, de maneira geral, a mediana dos índices calculados é inferior à média. Isso demonstra que a média é influenciada por valores superiores das variáveis selecionadas, porém se analisada a mediana é possível verificar que, pelo menos, 50% das cooperativas estão abaixo deste valor. Ressalta-se que, os valores apresentados por meio dos índices de análise tratam-se de valores nominais não corrigidos. Ademais, os dados que não são relativos, valor adicionado estão em escala de milhões de dólares.

Tabela 1: Estatística descritiva da amostra

	2008			2009			2010		
	Média	Med*	Var**	Média	Med*	Var**	Média	Med*	Var**
LIQ.CORR	1,4532	1,3438	0,1832	1,4897	1,4035	0,1692	1,5123	1,3798	0,2120
LIQ.GERAL	1,0610	1,0399	0,0690	1,0058	0,9554	0,0742	0,9796	1,0129	0,0744

GINDIVL	0,6282	0,6493	0,0101	0,6378	0,6546	0,0105	0,6147	0,6297	0,0064
K3/KP	1,8648	1,8517	0,5192	1,9623	1,8955	0,6109	1,6853	1,7009	0,2284
MARG.LIQ	0,0315	0,0380	0,0003	0,0236	0,0228	0,0002	0,0266	0,0260	0,0002
GIR.AT	1,6460	1,5965	0,1667	1,5079	1,4644	0,1894	1,1751	1,1511	0,1194
ROA	0,0509	0,0500	0,0009	0,0360	0,0332	0,0006	0,0347	0,0302	0,0004
ROE	0,1341	0,1387	0,0043	0,1007	0,0862	0,0051	0,0929	0,0928	0,0023
VA/VEND.LIQ	0,1068	0,0949	0,0021	0,0994	0,0953	0,0015	0,0956	0,0886	0,0018
VA/ATIVO	0,1741	0,1576	0,0063	0,1493	0,1260	0,0054	0,1127	0,1063	0,0029
VA/PL. MED	0,4983	0,4237	0,0648	0,4460	0,3841	0,0509	0,3528	3391	0,0369
VA/EMP .	0,0454	0,0362	0,0009	0,0382	0,0289	0,0006	0,0387	0,0301	0,0006
VA/COOP.	0,0290	0,0089	0,0038	0,0224	0,0094	0,0016	0,0218	0,0080	0,0016
VA/PESSOAL	0,3744	0,3692	0,0125	0,4236	0,4111	0,0293	0,5569	0,4694	0,2862
EVA (12%)	1,8615	9400	39,3649	-3,3262	-2,8640	32,2720	-7,0233	-3,4900	98,6213
	2011			2012					
	Média	Med*	Var**	Média	Med*	Var**			
LIQ.CORR	1,5443	1,4047	0,1923	1,4329	1,3062	0,1370			
LIQ.GERAL	0,9993	0,9655	0,0452	1,0154	0,9818	0,0547			
GINDIVL	0,6316	0,6418	0,0086	0,6267	0,6443	0,0082			
K3 KP	1,8665	1,7914	0,4422	1,8090	1,8112	3396			
MARG.LIQ	0,0294	0,0319	0,0003	0,0355	0,0378	0,0002			
GIR.AT	1,2450	1,2740	0,0514	1,2685	1,2831	0,0588			
ROA	0,0356	0,0382	0,0004	0,0442	0,0466	0,0004			
ROE	0,0998	0,0868	0,0035	0,1220	0,1298	0,0024			
VA/VEND.LIQ	0,0940	0,0871	0,0015	0,1033	0,0956	0,0013			
VA/ATIVO	0,1146	0,1100	0,0019	0,1305	0,1296	0,0021			
VA/PL. MED	0,3294	3252	0,0141	0,3694	0,3503	0,0182			
VA/EMP .	0,0386	0,0309	0,0006	0,0435	0,0364	0,0009			
VA/COOP.	0,0239	0,0074	0,0018	0,0277	0,0093	0,0028			
VA/PESSOAL	0,3753	0,3908	0,0592	0,3969	0,4062	0,0414			
EVA (12%)	-3,7209	-2,5200	63,6752	-0,8598	0,0340	47,4663			

Legenda: *Mediana; **Variância.

Destaca-se que, os índices selecionados para análise do desempenho econômico e financeiro foram recalculados com base nas informações cedidas pela Revista Exame, visando a obtenção de valores com 4 casas decimais, evitando assim

possíveis distorções na análise. A informação de número de cooperados foi recolhida por um levantamento prévio, por meio de acesso ao site ou contato direto com as cooperativas.

Os índices de liquidez demonstram que a em média as cooperativas possuem pelo menos R\$ 1,00 para cumprir com suas obrigações. O ano que apresentou maior liquidez corrente foi o ano de 2011, no entanto, teve um dos menores índices médios de liquidez geral. O desvio padrão médio de liquidez corrente e geral são de 0,8938 e 0,3175, respectivamente. A cooperativa com maior liquidez média é a cooperativa Capal, em todos os anos analisados, com índices de 2,73 e 1,62, respectivamente, tem sua sede no estado do Paraná, com produção agropecuária e pertence ao SAG do algodão e grãos. Já a que apresenta menores índices de liquidez média é a Copavel com 0,9539 e 0,6210, corrente e geral respectivamente. A Copavel tem sua sede no estado do Paraná, com produção agropecuária e pertence ao SAG do aves e suínos.

Os índices de grau de endividamento e capital próprio sobre capital de terceiros, são relacionados a estrutura de alavancagem da cooperativa, sendo que a amostra demonstra, geralmente, que as cooperativas optam por tomar recursos com terceiros. O índice referente a participação de terceiros apresenta uma média superior a 1,6853 no período analisado, o que indica que para cada R\$ 1,00 de capital próprio as cooperativas tomaram, pelo menos, em termos médios R\$ 1,69. O grau de endividamento da amostra evidencia uma homogeneidade entre as cooperativas, visto que seu desvio padrão ficou em torno de 1%. A cooperativa que apresenta menores índices, ou seja, melhor desempenho é a Cotripal que tem sua sede no estado do Rio Grande do Sul, com produção agropecuária e pertence ao SAG do algodão e grãos. Os maiores índices referente a estrutura de capital pertencem a Copavel, no período de 2008 à 2012.

Os índices de rentabilidade são giro do ativo, margem líquida, ROA e ROE apresentaram um declínio no ano de 2009, entretanto, voltaram a crescer nos períodos seguintes. Com exceção do giro do ativo, as cooperativas apresentam um baixo desvio padrão, o que indica homogeneidade. A Coplacana está inserida no SAG de adubos e defensivos, localizada em São Paulo, apresenta o maior índice margem líquida, 0,0484, porém, essa cooperativa apresenta o menor giro do ativo, o que indica que opta pela margem ao invés da atividade. As cooperativas com maior giro e ROA são as Cotrel e Cotripal, respectivamente, com 2,33 e 0,0908, ambas as sociedades estão localizadas no Rio Grande do Sul, pertence ao SAG do algodão e grãos, e dedicam-se a

produção agropecuária. A cooperativa com maior ROE médio, entre o período analisado é a Cotrisal, com cerca de 8.500 associados, localizada no estado do Paraná, atuando com algodão e grãos para venda em atacado. A cooperativa Coagro localizada no Paraná, que atua no setor de atacado e comercializa, principalmente, algodão e grãos é a que apresenta menores índices de margem, ROA e ROE.

No que se refere aos índices de valor adicionado, a cooperativa que mais agrega riqueza é a C.Vale com uma média de agregação de valor de 162,1 milhões entre 2008 e 2012, ela está localizada no Paraná, atua no SAG de aves e suíno. Já a que apresenta menor riqueza criada no período é a Cotrisul com apenas 7,475 milhões, essa cooperativa atua no Rio Grande do Sul, produz algodão e grãos, e comercializa por atacado. A Coopercitrus está localizada em São Paulo, atua no ramo de adubos e defensivos, e comercializa por atacado, apresentou o maior índice de valor adicionado distribuído em gastos com pessoal, entretanto, menores índices relativos a valor adicionado sobre ativo e patrimônio líquido, que mede a eficiência com que o ativo é utilizado e capacidade dos gestores em criar riqueza para os acionistas.

Quanto a análise do valor econômico adicionado é possível perceber que o ano de 2008 foi o único ano que apresentou média positiva, indicando o maior número de cooperativas da amostra foi capaz de adicionar valor ao cooperado, considerando uma taxa de retorno esperada de 12%.

Para a elaboração do EVA[®] a metodologia de cálculo adotada foi a formulação contábil do lucro líquido. Onde, segundo Kassai et al. (2002, p.33) "o EVA[®] é obtido deduzindo-se do lucro líquido o montante da remuneração do capital próprio. Isso é possível pelo fato de já estar computado no lucro líquido a remuneração do capital de terceiro". Esse método permite avaliar a tendência de criação ou destruição do valor econômico. A Equação demonstra no item (1) utilizada para a obtenção do EVA[®].

$$\text{EVA}^{\text{®}} = \text{LL} - (\text{Ke} \times \text{PL}) \quad (1)$$

Legenda: LL - Lucro Líquido ou Sobras Líquidas; Ke - custo de capital próprio ou retorno mínimo exigido sobre o capital dos associados ou custo de oportunidade do capital próprio; PL- Patrimônio Líquido

Nas sociedades cooperativas o Ke não pode ser estipulado segundo a metodologia do *Capital Asset Pricing Model* (CAPM), uma vez que, o coeficiente β , que é obtido por meio da correlação de uma série histórica dos rendimentos das ações da cooperativa com as do mercado não pode ser calculado. Isso por que as instituições cooperativas não possuem ações disponíveis no mercado. Por essa razão, os estudos optam por utilizar como rentabilidade média o valor de 12% (SANTOS, 2002; GIMENES; GIMENES, 2006; ULIANA; GIMENES, 2008), tendo em vista que segundo a Lei 5.764/71 (Lei das Cooperativas) institui o limite de 12% de retorno. Entretanto, ressalta-se que, esse limite não é um limite econômico crível, mas arbitrário.

5 Resultados e análises

As cooperativas agropecuárias são usualmente agrupadas em função das suas características de produção, princípios doutrinários do cooperativismo, relação estabelecida entre a cooperativa e seus cooperados, características de seus associados, bem como a estrutura de planejamento e controle estabelecida. Entretanto, é necessário verificar se fatores como região sede da cooperativa, setor de atuação e sistema agroindustrial impacta de forma distinta o desempenho econômico e financeiro das cooperativas.

Em uma primeira análise buscou-se verificar se os índices selecionados se comportavam de maneira distinta ao longo dos anos, e analisar se há diferença significativa sob esses resultados. A Tabela 2 revela a análise das diferenças existentes entre os anos de 2008 a 2012.

Tabela 2: Análise do desempenho das cooperativas nos anos de 2008 a 2012

	2008	2009	2010	2011	2012	p-value Teste Kruskal-Wallis
GIR.AT	1,6460	1,5079	1,1751	1,2450	1,2685	0,000***
ROE	0,1341	0,1007	0,0929	0,0998	0,1220	0,026*
VA/ATIVO TOTAL	0,1741	0,1493	0,1127	0,1146	0,1305	0,018**
EVA (12%)	1,8615	-3,3262	-7,0233	-3,7209	-0,8598	0,004***

Legenda: * - Nível de Significância de 10%; ** - Nível de Significância de 5%; *** - Nível de Significância de 1%.

Na Tabela 2 somente foram apresentados os índices que revelaram a diferença estatística dentre os índices analisados.

O giro do ativo, retorno sobre o patrimônio líquido e valor adicionado sobre o ativo total apresentam um declínio nos anos de 2009 e 2010, entretanto, voltam a crescer nos anos de 2011 e 2012. O giro do ativo foi o índice que apresentou maior diferença estatística demonstrando que as atividades das cooperativas diminuíram, porém retomaram um crescimento discreto a partir de 2011. Durante esse período não é possível afirmar que as cooperativas privilegiaram a margem em função da redução de suas atividades já que não há diferença estatística entre esses índices ao longo dos anos.

O retorno sobre o patrimônio líquido teve um desempenho diferente ao longo dos anos devido ao aumento do capital social e a redução das sobras nos anos de 2009 e 2010. Na análise do valor adicionado sobre o ativo total há o mesmo comportamento dos demais índices que pode ser explicado pelo aumento do ativo total e também pela redução do valor adicionado no período, que por sua vez possui relação com a diminuição da atividade da cooperativa.

Para análise do EVA[®] é necessário observar o sinal encontrado por meio do cálculo do índice. Caso o valor seja positivo indica que a cooperativa é capaz de gerar riqueza para os cooperados na taxa de retorno requerida, já o sinal negativo demonstra a

destruição de valor econômico, evidenciando que os agentes relacionados a criação de riqueza não estão conseguindo remunerar o capital investido a taxa requerida. A Tabela 3 aponta a análise do EVA[®] por período.

Tabela 3: Análise do EVA[®] por período

ANO	2008	2009	2010
Positivo	51,61%	32,26%	23,33%
Negativo	48,39%	67,74%	76,67%
ANO	2011	2012	
Positivo	35,48%	48,28%	
Negativo	64,52%	51,72%	

Assim como os demais índices analisados, o número de cooperativas com EVA[®] positivo sofrem uma diminuição no ano de 2009 e 2010, e volta a crescer em 2011. No ano de 2010 cerca de 76,67% das cooperativas destruíram valor, o que demonstra que tais taxas de retorno econômico exigidos pelos cooperados não podem ser alcançados, indicando que os gestores das cooperativas não conseguiram remunerar o capital investido dos associados à taxa requerida.

Em uma análise em pares o teste Mann-Whitney revelou que assim como o esperado não há diferença estatística dos índices no ano de 2010 para 2011 e de 2011 para 2012. Ressaltando que a diferença existente é entre o período de declínio dos índices e a retomada de seu crescimento. Em seguida, procurou-se verificar a interferência da região no desempenho econômico e financeiro das cooperativas por meio do teste Kruskal-Wallis. A Tabela 4 mostra os resultados encontrados.

Tabela 4: Análise dos índices segundo a região sede da cooperativa

	LIQ.GERAL	MARGIIQ	GIR.AT	ROE	VA/VEND.LI Q	VA/AT
RS	1,0302	0,0248	1,5966	0,1156	0,1012	0,1678
SC	0,8401	0,0232	1,4335	0,0823	0,0829	0,1194
PR	0,9650	0,0261	1,3224	0,0955	0,1070	0,1452
SP	1,1549	0,0365	1,1260	0,1397	0,0794	0,0931
<i>p-value</i>	0,000***	0,022**	0,001***	0,017**	0,008**	0,000***
	VA/PL.MÉD	VA/EMP	VA/COOP	VA	PESSOAL/VA	
RS	0,4696	0,0298	0,0053	17,1871	0,4038	
SC	0,3398	0,0262	0,0089	27,3767	0,5516	
PR	0,4555	0,0400	0,0332	67,8684	0,3697	
SP	0,3030	0,0534	0,0281	19,7290	0,5046	
<i>p-value</i>	0,002***	0,003***	0,000***	0,000***	0,004***	

Legenda: * - Nível de Significância de 10%; ** - Nível de Significância de 5%; *** - Nível de Significância de 1%.

O estado de São Paulo é o que apresenta melhores desempenhos nos índices de liquidez geral,

margem líquida, retorno do patrimônio líquido. As cooperativas do estado apresentam uma maior

margem líquida, porém quando é analisada sua atividade, por meio do giro do ativo, é a que apresenta menores valores, essa relação ocorre de forma inversa do estado do Rio Grande do Sul, sendo que tais índices são estatisticamente diferentes entre tais estados a 1%. Esse estado é o terceiro na produção de riqueza, sendo o segundo que mais distribuí essa riqueza para seus empregados.

Em uma análise em pares os estados com maiores diferenças nos índices econômicos e financeiros foram o estado de São Paulo e Paraná, somente não existindo diferença significativa entre e os gastos com pessoal sobre a riqueza criada. Em comparação com o Rio Grande do Sul os índices de valor adicionado, giro, margem e liquidez apresentam diferença estatística a nível de significância de 1%. Já na análise com os índices de Santa Catarina os índices com diferenças significativas foram o de liquidez e valor adicionado sobre os empregados.

O Paraná é o estado com maior capacidade de agregação de valor dentre a amostra, bem como

melhores índices de valor adicionado por cooperado e empregados. Essa realidade condiz com a cultura do estado de possuir cooperativas agroindustrial que realizam a transformação dos insumos agregando valor. O Rio Grande do Sul apresenta melhores índices de valor adicionado sobre patrimônio líquido, ativo total e vendas líquidas, porém só há diferença estatística se comparados ao estado de São Paulo e Santa Catarina, a nível de significância de 1% à 5%. Mesmo apresentando índices mais altos de relacionados ao valor adicionado, o estado do Rio Grande do Sul apresenta o menor valor de riqueza criada em termos absolutos, mas só é estatisticamente diferente do estado do Paraná.

Na análise do EVA[®] por estado não foi possível encontrar diferenças estatística. Entretanto, a Tabela 5 expõe que o estado com o maior número de cooperativas capaz de gerar riqueza para os cooperados na taxa de retorno requerida é o estado de São Paulo, e o estado de Santa Catarina é o que mais destrói valor, não estão conseguindo remunerar o capital investido a taxa requerida.

Tabela 5: EVA por estado

	Rio Grande do Sul	Santa Catarina
Positivo	48,57%	20,00%
Negativo	51,43%	80,00%
	Paraná	São Paulo
Positivo	31,94%	56,00%
Negativo	68,06%	44,00%

Com relação a análise do setor de atuação, atacado ou produção agropecuária, os índices que apresentam diferença, segundo o teste Mann-

Whitney, são os de valor adicionado e giro de ativo, conforme pode ser observado na Tabela 6.

Tabela 6: Análise do impacto do setor nos índices de desempenho

	GIRAT	VANEND.LIQ	VA/AT.	VA/PL.MED	VA/EMP	VA
Prod. Ago	1,4141	0,1100	0,1575	0,4662	0,0374	53,5196
Atacado	1,2682	0,0732	0,0989	0,3204	0,0394	22,2577
p-value	0,006**	0,000***	0,000***	0,000***	0,006**	0,015**

Legenda: * - Nível de Significância de 10%; ** - Nível de Significância de 5%; *** - Nível de Significância de 1%.

As cooperativas que realizam o processamento dos insumos apresentam melhores

índices relacionados a riqueza criada, já que são capazes de agregar valor aos insumos adquiridos, por

consequência os índices relativos também devem ser maiores, com exceção do valor adicionado sobre empregados. Esse resultado pode ser explicado pelo número de empregados ligados as cooperativas que vendem insumos que costuma ser menor do que as cooperativas que processam insumos.

Outro fator refere-se ao giro do ativo, as cooperativas de produção agropecuária tendem a ter resultados maior, são capazes de vender mais para cada R\$ 1,00 de investimento total, demonstrando relação com a riqueza criada. Ademais, cabe ressaltar que as cooperativas de processamento possuem valores ativos maiores, devido a necessidade de investimento em imobilizado para a transformação dos insumos. O que, por sua vez,

poderia levar a menores valores de giro do ativo e valor adicionado sobre o ativo, entretanto como os valores de venda e valor adicionado são elevados nesse tipo de organização, ainda é possível encontrar valores superiores que são estatisticamente diferentes.

Os índices de liquidez, estrutura e EVA[®] não apresentam diferenças estatísticas significativas, indicando que independente do processamento, ou não, as cooperativas possuem o mesmo desempenho nesses aspectos.

Por fim, procurou-se verificar se as cooperativas agropecuárias apresentavam diferenças quando agrupadas pelo sistema agroindustrial. A Tabela 7 demonstra os resultados alcançados.

Tabela 7: Análise do SAG sobre os índices de desempenho

	LIQ.CORR	LIQ.GERAL	MARG.LIQ	GIR.AT	ROA
Aubos e Defensivos	1,3248	1,1726	0,0382	0,8724	0,0386
Algodão e Grãos	1,5213	1,0207	0,0282	13911	0,0421
Atacado e Com. Ext.	1,2341	0,9661	0,0121	1,7343	0,0208
Aves e Suínos	1,1689	0,7918	0,0183	1,4393	0,0263
Café	1,4598	1,1396	0,0311	1,5270	0,0476
Óleos e Farinhas	1,9148	1,0049	0,0382	1,4520	0,057
Sementes	0,9981	0,8568	0,0076	1,3573	0,0103
<i>p-value</i>	0,000***	0,000***	0,000***	0,000***	0,000** *
	ROE	VA/VEND.LI Q	VA/AT.	VA/PL.ME D	VA/EM P.
Aubos e Defensivos	0,1213	0,0770	0,0741	0,2374	0,0415
Algodão e Grãos	0,1102	0,0941	0,1364	0,3882	0,0397
Atacado e Com. Ext.	0,0681	0,0753	0,1350	0,4460	0,0349
Aves e Suínos	0,0772	0,1318	0,1869	0,6583	0,0234
Café	0,1764	0,0903	0,1301	0,4692	0,0960
Óleos e Farinhas	0,1285	0,0985	0,1436	0,3341	360
Sementes	0,0347	0,0958	0,1309	0,4184	0,0214
<i>p-value</i>	0,002***	0,025**	0,039*	0,030*	0,000** *
	VA/COOP	VA	PES./VA	EVA (12%)	
Aubos e Defensivos	0,0018	22,4650	0,6796	-2,4867	
Algodão e Grãos	0,0336	33,2221	0,3596	-1,9441	
Atacado e Com. Ext.	0,0085	54,1500	0,3265	-6,7160	
Aves e Suínos	0,0148	89,7950	0,5053	-6,1190	
Café	0,0093	18,2500	0,1923	1,2032	
Óleos e Farinhas	0,0072	74,0600	0,4916	0,7568	
Sementes	0,0011	11,6000	0,5602	-2,3672	
<i>p-value</i>	0,008**	0,000***	0,001***	0,001***	

Legenda: * - Nível de Significância de 10%; ** - Nível de Significância de 5%; *** - Nível de Significância de 1%

O sistema agroindustrial que mais apresentou diferenças estatísticas entre os índices de avaliação de desempenho econômico e financeiro, sendo que dos dezesseis índices analisados treze apresentaram diferença. Os dois índices que não apresentaram diferença estatística referem-se a estrutura de capital das cooperativas, que por meio das análises realizadas demonstrou que as cooperativas são homogêneas com relação a sua estrutura de capital, independente da região, setor e sistema agroindustrial que a cooperativa pertença.

Os índices de liquidez corrente e geral apresentam maiores resultados no sistema de óleo, farinhas e conservas, e adubos e defensivos, respectivamente. As cooperativas vinculadas a produção de adubos e defensivos menores valores vinculados aos passivos não circulantes, o que explica os maiores índices de liquidez geral. Nos testes em pares os sistemas que apresentaram diferenças significativas a 1% no índice de liquidez corrente foram adubos e defensivos com aves e suínos, algodão e grãos, café, e aves e suínos com sementes.

Já na análise da liquidez corrente as diferenças, com nível de significância de 1%, foram encontradas quando testado o sistema agroindustrial de adubos e defensivos com algodão e grãos, com aves e suínos, com óleos, farinhas e conservas, ou também com sementes. Essa diferença também ocorreu quando foram testado aves e suínos com as cooperativas que produzem algodão e grãos, ou café, bem como as que produzem café se comparadas com as que produzem sementes ou óleos, farinha e conservas. Os menores índices de liquidez, corrente e geral, pertencem ao mesmo sistema agroindustrial e são vinculados a produção de sementes.

Nos índices relacionados a rentabilidade das cooperativas a maior margem é encontrada nas cooperativas que se dedicam a fabricação de adubos e defensivos, e também de óleos, farinhas e conservantes que apresentou o mesmo índice médio no período analisado, porém as com maior atividade, giro do ativo, são aquelas do sistema agroindustrial de atacado e comércio exterior. O retorno sobre o ativo e patrimônio líquido referem-se a produção de óleos e farinha, esse resultado pode ser explicado pela forte presença de agroindústria nesse SAG, que origina uma elevada riqueza criada e também sobras. Sendo que, as diferenças significativas a 1% desses

índices ocorrem entre quando sementes são comparadas com algodão e grãos, ou adubos e defensivos, bem como quando os testes entre algodão e grãos, e aves e suínos, são realizados. Os menores índices de giro, margem líquida, retorno sobre o ativo e patrimônio líquido pertencem ao sistema agroindustrial de sementes.

Ao analisar o valor adicionado é possível verificar que as cooperativas que operam no sistema agroindustrial de aves e suínos apresentam um melhor desempenho, entretanto, essa relação não ocorre quando o valor adicionado é dividido pelo número de cooperados e empregados, tendo em vista que esse sistema agroindustrial apresenta um maior número de cooperados e empregados se comparado aos demais. No caso do valor adicionado por empregados o maior índice é encontrado no SAG de adubos e defensivos, que é onde ocorre a maior distribuição do valor adicionado para os empregados. Já o sistema de óleo, farinha e conservas possui o maior valor adicionado por cooperados médio. As cooperativas que transacionam sementes são as que apresentam menor capacidade de criação de riqueza, o que era esperado já que não há processamento dos insumos adquiridos. Sendo que, esse SAG também apresenta menores valores ligados aos índices de valor adicionado por cooperado e por empregado.

A análise do EVA® por sistema agroindustrial apresentada na Tabela 8 demonstra que em termos médios o sistema agroindustrial do algodão e grãos é o que apresenta um maior número de cooperativas capazes de gerar valor econômico aos seus associados ao longo do tempo.

Tabela 8: Valor econômico adicionado por sistema agroindustrial

	Adubos e defensivos	Algodão e grãos	Atacado e Com. Exterior	Aves e suínos	Café	Óleos, Farinhas e Conservas	Sementes
Total Coop.	3	18	1	5	1	2	1
2008	66,67%	64,71%	0,00%	20,00%	50,00%	50,00%	0,00%
2009	33,33%	47,06%	0,00%	0,00%	50,00%	0,00%	0,00%
2010	0,00%	43,75%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	100,00%
2011	66,67%	41,18%	0,00%	20,00%	50,00%	0,00%	0,00%
2012	66,67%	62,50%	0,00%	25,00%	0,00%	50,00%	0,00%

Também é possível perceber, por meio da Tabela 8, que as cooperativas que atuam no sistema de adubo e defensivos foram responsáveis por destruírem valor na taxa de retorno esperada por seus cooperados no ano de 2010, no entanto, nos anos anteriores e posteriores a maioria das cooperativas desse sistema conseguiram criar valor econômico para seus cooperados.

Os únicos sistemas agroindustriais que não apresentaram diferenças em nenhum dos índices de avaliação do desempenho econômico e financeiro, quando realizados os testes em pares, foram o sistema de aves e suínos, se comprado ao sistema agroindustrial de óleos, farinha e conservas. Já o com maiores diferenças estatísticas, a nível de significância de 1%, entre os índices selecionados, revelados pelo teste Mann-Whitney, ocorreu quando comparado o sistema de produção de sementes e adubos e defensivos. Nessa análise, somente o valor adicionado por vendas líquidas, valor adicionado por ativo total e EVA[®] não apresentaram diferenças significativas, sendo que o valor adicionado por patrimônio líquido apresentou uma diferença estatística significativa a 10%.

6 Considerações finais

As cooperativas agropecuárias brasileiras apresentam características similares no que se refere as características de produção, princípios doutrinários do cooperativismo, relação estabelecida entre a cooperativa e seus cooperados, características de seus associados, bem como a estrutura de planejamento e controle estabelecida. Entretanto, há características particulares que podem afetar o desempenho econômico e financeiro das cooperativas fazendo que tais cooperativas tradicionais se revelem heterogêneas. Esses fatores

podem estar ligados a região sede da cooperativa, setor de atuação e sistema agroindustrial impacta de forma distinta o desempenho econômico e financeiro das cooperativas.

A análise do desempenho econômico e financeiro das cooperativas agropecuárias dos anos 2008 a 2012 revelou que nos anos de 2009 e 2010 houve uma redução do desempenho, retomando o crescimento em 2011. Os índices de giro do ativo, retorno sobre o patrimônio líquido e valor adicionado sobre o ativo total demonstraram diferença estatística, quando os anos de 2009 e 2010 foram comparados com os demais. Nesse período, o número de EVA negativo aumentou, demonstrando que a maioria das cooperativas destruíram valor nesses anos. Corroborando com os dados e auxiliando na compreensão dos fatores que explicam esse cenário, a Sociedade Nacional de Agricultura (2016) destacou que houve queda no desempenho das organizações vinculadas ao agronegócio em 2009 foi relacionada, principalmente, a crise econômico-financeira internacional, que afetou o processo de comercialização e ainda desencadeou reflexos nos resultados de 2010.

Com relação a análise da região sede da cooperativa, foi possível verificar que a maioria dos índices apresentaram diferenças estatísticas. O estado de São Paulo é o que apresenta melhores desempenho nos índices de liquidez geral, margem líquida, retorno do patrimônio líquido. O Paraná é o estado com maior capacidade de agregação de valor dentre a amostra, bem como melhores índices de valor adicionado por cooperado e empregados. Essa realidade condiz com a cultura do estado de possuir cooperativas agroindustriais que realizam a transformação dos insumos agregando valor. Na análise do EVA[®] por estado não foi possível encontrar diferenças estatística, entretanto, o estado

com o maior número de cooperativas capaz de gerar riqueza para os cooperados na taxa de retorno requerida é o estado de São Paulo.

Com relação ao setor, o estudo constatou diferenças estatísticas entre o giro do ativo, valor adicionado total, valor adicionado sobre vendas líquidas, ativo total, patrimônio líquido e número de empregados. As cooperativas que realizam o processamento dos insumos apresentam melhores índices relacionados a riqueza criada, o que era esperado, já que são capazes de agregar valor aos insumos adquiridos, por consequência os índices relativos também devem ser maiores, com exceção do valor adicionado sobre empregados, já que as cooperativas que processam insumos possuem maior número de cooperados.

O sistema agroindustrial foi o fator que mais apresentou diferenças estatísticas entre os índices de avaliação de desempenho econômico e financeiro, sendo que dos dezesseis índices analisados treze apresentaram diferença. Revelando que esse é o fator que mais interfere no desempenho das cooperativas. Os dois índices que não apresentaram diferença estatística referem-se a estrutura de capital das cooperativas, que por meio das análises realizadas demonstrou que as cooperativas são homogêneas com relação a sua estrutura de capital, independente da região, setor e sistema agroindustrial que a cooperativa pertença.

Por fim, destaca-se que para compreensão da forma com que fatores como a região, setor, sistema agroindustrial, dentre outros aspectos interferem no desempenho econômico e financeiro das cooperativas é necessário verificar os achados em uma amostra mais ampla e diversificada, já que os dados da presente pesquisa se restringem ao escopo das cooperativas listadas nas 400 Maiores e Melhores Empresas do Agronegócio da Revista Exame, durante o período de 2008 à 2012.

Referências

ALIANÇA INTERNACIONAL DE COOPERATIVAS - ACI. **What is a cooperative?** 2017. Disponível em: <<http://ica.coop/es/node/10584> > Acesso em: 16/02/2017.

ALTMAN, M. Cooperative organizations as an engine of equitable rural economic

development. **Journal of Co-operative Organization and Management**, v. 3, p. 14-23, 2015.

BIALOSKORSKI NETO, S. **Economia e Gestão de Organizações Cooperativas 2ª ed.**. São Paulo: Atlas, 2012.

BIALOSKORSKI NETO, S.; PINTO, A. K. Evolução do Agronegócio e do Cooperativismo Agropecuário: uma análise comparativa de desempenho e impacto econômico. **In: Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo**, 2, 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2012.

BRASIL. Lei n.º 5.764 de 16 de dezembro de 1971. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília (DF), 16 dez. 1971.

BROWN, L.; NOVKOVIC, S. Introduction. **In** Brown, L. et al. **Co-operatives for Sustainable Communities: Tools to Measure Co-operative Impact and Performance**. Cambridge: Peabody Museum Press, cap. 2, p. 10-15, 2015.

CARVALHO, F. L. Indicadores de avaliação de desempenho de cooperativas agropecuárias: um estudo em cooperativas paulistas. **Revista de Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v.10, n.3, p. 420-437, 2008.

CONSOLI, M. A.; MARINO, M. K. **Distribuidores e Cooperativas: análises e impressões (parte 2)**. 2013b. Disponível em: <http://www.agrodistribuidor.com.br/up_arqs/pub_20130408152754_08deabril.pdf > Acesso em: 20/07/2013.

EXAME. **Anuário Melhores e Maiores**. São Paulo: Abril, edição especial 40 anos, 07/2013.

FENG, L. **Motivation, Coordination and Cognition in Cooperatives**. PhD. Thesis, Erasmus Research Institute of Management, Erasmus University Rotterdam, Rotterdam, Netherlands, 2010.

- GEYSER, M.; LIEBENBERG, I. **Creating a new valuation tool for south african agricultural co-operatives**. Working Paper. University of Pretoria. 2002. Disponível em: <http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/18068/1/wp020021.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2014.
- GIMENES, R. M. T.; GIMENES, F. M. P. Um ensaio sobre o desempenho econômico de cooperativas agropecuárias a partir do economic value added. **Enfoque Reflexão Contábil**, v. 25, n. 2, p. 26-40, 2006.
- HALL, John H. GEYSER, J.M. **The financial performance of farming co-operatives: Economic value added vs traditional measures**. Working Paper. University of Pretoria. 2004. Disponível em: <http://ageconsearch.umn.edu/handle/18084>. Acesso em: 15 jun. 2014.
- HOULE, M. **Economic Value Added**. Liberty University, Spring, 2008.
- HUETH, B.; REYNOLDS, A. A lyfe-cycle perspective on governing cooperative enterprises in agriculture. **Choices**, v. 26, n. 3, p. 1-4, 2011.
- KASSAI, J. R.; KASSAI, S.; ASSAF NETO, A. Índice de especulação de valor agregado: IEVA. **Revista de Contabilidade e Finanças**, Universidade de São Paulo, v. 13, n. 30, p. 32-45, 2002.
- LAZZARINI, S. G.; BIALOSKORSKI NETO, S.; CHADDAD, F. R. Decisões financeiras em cooperativas: fontes de ineficiência e possíveis soluções. **Revista Gestão & Produção**, v.6, n.3, p. 257-268. 1999
- LONDERO, P. R.; BIALOSKORSKI NETO, S.. Identificação de Características das Cooperativas Agropecuárias que Influenciam a Geração de Valor Adicionado. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas - RGC**, v. 1, p. 01-11, 2014.
- MATARAZZO, D. C. **Análise Financeira de Balanços: Abordagem básica e gerencial**. 7ª ed.. São Paulo: Atlas, 2010.
- NOVKOVIC, S. The balancing act: Reconciling the economic and social goals of co-operatives. In International Summit of Cooperatives, Quebec, 2014. Disponível em: <<https://www.sommetinter.coop/en/virtual-library/scientific-articles/balancing-act-reconciling-economic-and-social-goals-co-0>>. Acesso em: 16/02/2017.
- ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **Relatório OCB 2013**. 2014. Disponível: <http://srvrepositorio.brasilcooperativo.coop.br/arquivos/gecom/relatorio_gestao_OCB_2013.pdf> Acesso em: 05/06/2015.
- ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS – OCB. 2017. **Ramo Agropecuário: O ouro verde do Brasil**. Disponível: <<http://www.somoscooperativismo.coop.br/#/ramo-agropecuario>> Acesso em: 16/02/2017.
- REYNOLDS, A. **Defining the value of the cooperative business model: an introduction**. 2013. Disponível em: <http://www.uwcc.wisc.edu/pdf/Reynolds_WhitePaper_values.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2016.
- SANTOS, E. Criação de valor econômico em cooperativas agroindustriais. **Organizações Rurais e Agroindustriais**, v. 4, n. 1, p. 1-14, 2002.
- SANTOS, A.; GOUVEIA, F. H. C.; VIEIRA, P. S. **Contabilidade das Sociedades Cooperativas: Aspectos gerais e prestação de contas**. 2a ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- SCHNEIDER, J. O. A Doutrina do Cooperativismo: Análise do Alcance, do Sentido e da Atualidade dos seus Valores, Princípios e Normas nos Tempos Atuais. **Revista do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social**, v. 3, n.2, p. 251-273, 2012.

SEXTON, R. J. Cooperatives and the forces shaping agricultural marketing. **American Journal of Agricultural Economics**. Menasha, v. 68, n. 5, p. 1167-1172, 1986.

SHAH, R. B. S.; HALDAR, A.; RAO, S. V. D. N. Economic Value Added: A Financial Flexibility Tool . **Corporate Ownership and Control**, v. 12, n. 1, p. 703-708, 2014.

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA. **É hora de empreender após PIB Agropecuário ter alta de 1,8% em 2015**. 2016. Disponível: < <http://sna.agr.br/e-hora-de-empreender-apos-pib-agropecuário-ter-alta-de-18-em-2015/>> Acesso em: 27/09/2017.

ULIANA, C.; GIMENES, R. M. T. Avaliando o desempenho econômico de cooperativas agropecuárias a partir do EVA – economic value added: resultados de uma investigação empírica. **In Congresso Brasileiro de Contabilidade**. Rio Grande do Sul, Gramado, 18, 2008.

ZYLBERSTAJN, D. Administração de sistemas de base agrícola: análise de fatores críticos. **Revista de Administração**. São Paulo, v. 48, n. 2, p. 203-207, 2013.